

## **Se é o tempo da forte influência midiática na feitura da sociabilidade, pensemos na expressão e visibilidade dos movimentos sociais**

### **Introdução**

Para onde se voltam os olhos e os ouvidos dos que vivem no mundo margeado pela escala-tempo chamada século XXI e que é fortemente abastecido de informações, anúncios, imagens, enfim, apelos semânticos das mais diferentes modalidades? E como se posicionar em torno desta questão, quando deparamo-nos com a afirmativa: “E nós, com nossa pele escura e nossa necessidade irrefutável de ficar perto da terra... não somos atrativos” (Marcos *apud* Kingsnorth, 2006, p. 26), proferida pelo subcomandante Marcos, figura de comportamento bastante particular no que se refere ao uso de um discurso que, abastecido de uma boa dose de absurdo, poesia e irreverência, lhe faz ser visto como o primeiro guerrilheiro pós-moderno da primeira revolução pós-moderna?

A saber: o subcomandante Marcos é uma referência bastante significativa da força armada insurgente que se autodenomina Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) e que em 1994 assumira o poder de sete cidades de Chiapas<sup>1</sup>, declarando guerra contra o exército e o governo mexicano e também o Nafta, isto é, o Acordo de Livre Comércio da América do Norte, que instituiu um grande mercado livre e sem fronteiras entre México, Canadá e Estados Unidos. Uma vez dado este informe, convém também dizer que as perguntas postas na abertura deste artigo servem como ponto de partida para aquilo que se procura nestas páginas, pois a pretensão é minimamente discutir, observar, compor idéias e novas perguntas em torno da relação entre os movimentos sociais transnacionais – estes atores sociais que se compõem como ação conflitual, dotado de traços contestatórios numa dimensão de caráter transnacional<sup>2</sup>; – a construção de sua visibilidade e a atuação da mídia, num período em que a sociabilidade está bastante interferida pelos meios de comunicação

---

<sup>1</sup> Chiapas é o estado do México fronteiro da Guatemala, tendo pertencido a este país até sua independência em 1824. As principais atividades econômicas são a cafeicultura, o artesanato e o turismo. Chiapas tem 3,6 milhões de habitantes, dos quais mais de 1 milhão indígenas. Em todo o México, os indígenas são 12 milhões, ocupando 14% da população total. As principais etnias são sete: tzetzal (maioria), tzotzil, mam, zoque, tojolobal, maia. Contraditoriamente Chiapas é o estado mais rico e também o mais pobre do México, pois suas riquezas vão para os Estados Unidos e para os mercados de exportação do mundo.

<sup>2</sup> O transnacional remete a uma nova territorialidade. Valentine Moghadam (2000) informa que o transnacional não é o internacional porque ultrapassa as fronteiras. É um ultrapassar de orientações nacionalistas, não nega o nacionalismo, mas nega o nacionalista.

de massa, como confirma John Thompson (1995), ao dizer que a cultura moderna é de uma maneira cada vez maior, uma cultura eletronicamente mediada. “Novos meios técnicos tornam possíveis novas formas de interação social, modificam ou subvertem velhas formas de interação, criam novos focos e novas situações para a ação e interação” (*Ibid*, p. 298).

O campo da mídia “detém de modo crescente o poder de conferir ou negar existência social, publicizando ou silenciando acontecimentos e atores” (Rubim, 1996, p. 70). E isto tem sido tão incisivo que chega a se falar em “inclusão midiática”, conforme aparece nos escritos de Maria Helena Weber (2004). Só lembrando que a mídia é, segundo o professor Luiz Gonzaga Motta, coordenador do Núcleo de Estudos de Mídia e Política da Universidade de Brasília (NEMP/Unb), um lugar, por excelência, de mediação política e social, espaço de encontros e desencontros, de alianças e composições. Vale ressaltar que atualmente mostra-se como um campo de força que afeta e é afetado pelos diferentes processos sociais, a ponto de novas terminologias estarem sendo cunhadas para dar conta dos recentes fenômenos, como é o caso do termo “televivência” e que diz respeito à inscrição da vida social nas telas e nas páginas.

Ciente disso, ou seja, de que construir a notoriedade na vida moderna é principalmente ou obrigatoriamente ter presença na mídia<sup>3</sup>, este artigo considera esta assertiva e interessa-se em problematizar a visibilidade dos movimentos sociais transnacionais, mais precisamente o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) na mídia. Sendo assim, além das perguntas iniciais que foram feitas e das contribuições teóricas já citadas com o intuito de criar o invólucro para contornar aquilo que se busca aqui enfatizar, é imprescindível ressaltar que “a imagem é o estatuto orientador da contemporaneidade, demarcada pelos excessos e fragmentos de informações, indicadora de poder e demarcadora do modo publicitário de olhar o mundo” (Weber, 2004 p. 265). É ainda Maria Helena Weber que afirma categoricamente que o modo de produção de imagens políticas mudou o modo de fazer política. Contudo, para detectar que o modo de

---

<sup>3</sup> Vale dizer que pesquisas que envolvem a mídia como agente de projeção costumam buscar apoio também nos argumentos de Guy Debord (1997), o símbolo maior da Internacional Situacionista (IS), Guy Debord, embasado no que compreendia da sociedade em 1967, explorou, a partir da teoria crítica, o que Mc Luhan já tinha se ocupado de reverenciar até meados de 1976, quando começou a mudar suas conclusões sobre a aldeia global; o espetáculo. Debord também registrou a substância aparente que delinea a vida moderna a qual, segundo ele, se antes emergiu do *ser* para o *ter* já pôde, por sua vez, passar para o *parecer*, envolvendo-se num sistemático esquema de consumo ilusório, o consumidor real transforma-se em consumidor de ilusões”, assim, ele chegou a categorizar o espetáculo como um aspecto fundante da atual sociedade.

fazer política está alterado, é oportuno não só fazer este reconhecimento por meio da interface entre comunicação e política, e que advém da “intensa interlocução interdisciplinar que tomou conta da especialidade neste momento de sua maior expansão e adensamento, até agora” (Gomes, 2004, p. 45), mas buscar no âmbito da própria ciência política atestados que apontam para uma nova configuração da política.

### **Política e movimentos sociais em revisão**

Política e movimentos sociais são dois campos prioritariamente abordados neste texto, pois é necessário construir um terreno conceitual que anteceda e sustente as considerações a serem tecidas em relação ao Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) – movimento de contestação política escolhido para ser analisado neste artigo –, de modo que examinar os dois citados horizontes em correlação com algumas contribuições advindas da área da comunicação torna-se um passo obrigatório, visto que está em foco uma proposta de pensamento sobre a expressão e visibilidade do EZLN. Os dois referidos campos conceituais são examinados com mais ênfase, porque toma-se como referências a idéia-força de Della Porta (2005) de que os movimentos transnacionais de contestação são uma forma de ação coletiva, e a tradução de Alberto Melucci (2001) que, voltando-se à percepção da política na dimensão cotidiana, faz uma leitura acerca dos movimentos sociais dando importância à unidade de análise: identidade coletiva.

No entanto, antes de falar especificamente de cada um dos dois campos, o que será feito a partir de uma leitura que os ressignifique, convém reconhecermos o contorno de complexidade da sociedade contemporânea que, a depender da ótica teórica eleita, pode ser interpretada como geradora de uma incerteza fabricada (Giddens, 1989); detentora de um conjunto irreparável de riscos (Beck, 1997); ou ainda cenário de irreversível instabilidade (Balman, 1998) – só para citar alguns autores que têm se dedicado a escrever sobre um outro estágio da modernidade, ou seja, o estado avançado, que se por alguns é lido como o período pós-moderno, por outros ainda diz respeito à modernidade, porém, a modernidade tardia ou alta modernidade.

Reconhecer a complexidade da vida social contemporânea ajuda a perceber que existe hoje uma profusão de fenômenos dotados de características que parecem exigir

daqueles, que se voltam à sua pesquisa, uma análise que busque repensar as categorias de pensamento. Política e movimentos sociais são algumas destas categorias que, no trepidar dos recentes arranjos e novos ordenamentos, merecem ser revistas para que um conjunto de abordagens mais correspondentes com os contextos sociais vigentes seja traçado à luz inclusive de novas combinações teóricas, o que quer dizer que neste dito movimento de revisitação às categorias sociológicas, há espaço para outras áreas do conhecimento participarem com suas contribuições científicas. É de se esperar, portanto, que as pesquisas desenvolvidas pelos estudiosos da comunicação tenham muito a dizer às da ciência política e vice-versa.

Um dos fenômenos que causam impacto à ordem social contemporânea de maneira consideravelmente visível é a globalização, macrofenômeno multidimensional marcado por questões de natureza cultural, social, política e ideológica (Milani, 2007). A abrangência desse macrofenômeno parece afetar as diferentes partes do mundo, atingindo-as não de modo coincidente. Afinal, em cada localidade pode se verificar uma interferência em camadas mais superficiais e/ou mais profundas no que se refere à organização socioeconômica, política e cultural do lugar, de modo que noções que desfrutavam de grande importância na área das relações internacionais, como é o caso do conceito de soberania, passam por uma revisão que remodela a percepção analítica. Diagnóstico que pode ser feito quando, por exemplo, percebe-se que para o estudioso Bertrand Badie (1995) a soberania passa a ser fluída, sem fixidez e sem centralidade; deve ser pensada não somente como o único princípio organizador, mas como um destes princípios, e ainda, problematizado. Ele chega a falar em desregulamentação internacional e verifica seus desdobramentos.

“Esta desregulamentação inaudita da vida internacional elimina uma parte importante das instituições pós-medievais: faz vacilar o princípio de soberania e parece mesmo suscitar, aqui e ali, espaços de natureza não civilizada que evocam uma anarquia nunca antes assinalada, porquanto já não se trata de luta livre entre Estados, mas de um palco agora povoado por um número quase infinito de actores”  
(*Ibid*, p. 13).

Uma declaração deste porte incita o pensamento a buscar amparo em observações que dêem conta de delinear traços característicos de um período em que se constata o novo sentido da política e da conflitualidade em contextos de globalização, o que pode ser feito ancorando-se no esquema teórico de Ulrich Beck (1997). Afinal, em sua análise, a

modernidade avança para o terreno da modernização reflexiva, que seria um convite ao repensar da modernidade, e nesse sentido é possível constatar alterações no campo político. Ele afirma que o conceito de política na modernidade simples é sustentado em um sistema de eixos, em que uma coordenada passa entre os pólos da esquerda e da direita, e a outra entre o público e o privado. Neste caso, tornar-se político quer dizer deixar a esfera privada e seguir em direção à esfera pública, ou, ao contrário, permitir que as exigências dos partidos, da política partidária ou do governo espalhem-se em todos os nichos da vida privada. “Se o cidadão não vai para a política, a política vem para o cidadão” (*Ibid*, p. 60). Em outras palavras, a política teria um espaço específico e formal para acontecer, ao passo que hoje a política parece estar entranhada na vida, tanto que Giddens (2001) fala da política de vida, que é a política de estilo de vida, e que dá margem a pautas mais próximas à vivência das pessoas.

Beck, que aponta para migração do eixo teórico linear (padrão de controle racional instrumental) para o reflexivo (um repensar, uma nova maneira de agir), por meio das suas considerações, leva a crer que a ação política está se redesenhando e encontra-se dotada de novos aspectos, tanto que ele anuncia a existência de uma subpolítica, como a política que molda a sociedade de baixo para cima. Seus argumentos coincidem com os de Giddens (2001), cuja observação da sociedade desemboca numa análise que aponta a globalização, a destradicionalização e a intensificação da reflexividade social como mudanças da alta modernidade que geram efeitos diversos no andamento dos processos sociais. Relatando as várias alterações de ordem política, Giddens esboça a idéia de uma política gerativa, que é a política que procura deixar que os indivíduos e os grupos façam as coisas acontecerem. O referido autor também aponta para a insuficiência da democracia nos moldes clássicos.

(...) a democracia liberal, alicerçada em um sistema de partidos eleitorais e operando no âmbito do Estado-nação, não é bem equipada para atender às demandas de cidadãos reflexivos em um mundo globalizante; e a combinação de capitalismo com democracia liberal fornece apenas meios limitados de geração de solidariedade social” (*Ibid*, p. 314).

Melucci (1989), por sua vez, também transita por esta perspectiva de que a ação política vem se revestindo de ineditismo. Em sua percepção, ele levanta as seguintes alterações: ampliação do nível de complexidade; multiplicidade e permutabilidade de interesses; existência de um novo sentido de representação; mudança na relação entre

Estado e Sociedade Civil; dissolução do Estado, enquanto agente unitário de intervenção e ação, sendo substituído por um sistema fortemente interdependente de relações transnacionais, e subdividido numa multiplicidade de governanças parciais; transformação de regulações autoritárias em relações políticas, e a substituição de uma definição da política que tudo abraça por um reconhecimento de sua função e necessidades específicas.

Não se pode negar que é extremamente necessário reconhecer que a ação política vem nos últimos tempos assumido novas configurações. Em se tratando, por exemplo, das lutas reivindicatórias mais recentes, verifica-se que tais lutas têm se desenhado em torno de temáticas que até bem pouco tempo não eram priorizadas, a exemplo das questões relativas ao autoconhecimento e à acessibilidade. Afinal, até o período histórico em que os movimentos contestatórios se centravam na categoria classe social como a principal e, às vezes, a única variável que interferia na definição da identidade, os movimentos sociais, em sua grande maioria, se voltavam à incessante busca pela ampliação de renda e pela garantia da seguridade social. Hoje, o que se nota é uma diversidade de quereres sendo exercitada, o que deixa a ação coletiva mais pluralizada e, portanto, menos uníssona. Nancy Fraser (2000) aponta para este outro espírito da luta, sinalizando para as urgentes políticas de reconhecimento da diferença e da participação paritaria, que conjuga o respeito à diferença e o reconhecimento mútuo, com a demanda pela redistribuição da riqueza social. Contudo, não se pode abandonar por completo as leituras e considerações anteriores, pois, embora novas temáticas perpassem hoje a vida política, ainda persistem algumas reivindicações mais antigas, até porque não foram resolvidas.

Constatar que os movimentos sociais assumem um novo perfil na contemporaneidade, sendo então dotados de características que despertam o interesse de diferentes analistas, é uma necessidade metodológica para quem tem a intenção de, por exemplo, pensá-los em termos de expressão e visibilidade. Quando se fala de alteração na composição dos movimentos e na feitura de suas ações, está se falando, por exemplo, de hoje ser um ator social que não se identifica com a classificação de movimento operário (Touraine, 1999) e nem dá mais para ser atrelado à categorização de classe trabalhadora, como diz John Holloway (2003), que por sinal chega a sugerir a mudança do mundo sem tomar o poder, o que é possível ser pensado, visto que os movimentos sociais não mais se pautam tomando como ponto de chegada a tomada do poder central para assumir o

comando. Este traço se faz visível nas atitudes do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), que não busca tomar o poder central do México, mas insiste que deve ser livre para criar o que o pensamento lhes diz (Kingsnorth, 2006).

Os movimentos sociais permanecem preocupados com o devir, mas tem-se, talvez, uma outra gradação do devir. Além disso, passaram a se voltar para a construção do presente, para as conquistas e melhorias que possam ser usufruídas pela geração autora dos atos de contestação e não apenas colhidas posteriormente pelas gerações que virão. “Os movimentos contemporâneos tendem a acentuar o caráter de mobilizações no plano cultural, conduzidas de maneira pontual por atores mutáveis. O que caracteriza é a vontade de tornar presente o possível, de operar para a mudança no hoje” (Melucci, 2001, p. 123). Este novo redesenho, que passa a lidar com a dimensão temporal em outra perspectiva, explica o questionamento feito por Maria da Glória Gohn (1997), que busca em seu estudo localizar as diferentes leituras acerca dos movimentos sociais percorrendo pistas teóricas que levem a respostas, e, num dado momento dos seus escritos, eis que assume: “A preocupação permanente com a questão: por que as pessoas se mobilizam?” (*Ibid*, p 115).

Resolver esta indagação não é tarefa simples e nem mesmo se compõe como objetivo deste artigo. Contudo, uma vez exposta em meio a este conjunto de dizeres que tenta fazer uma observação da construção da expressividade e visibilidade dos movimentos sociais, é preciso relacionar tal afirmativa com a análise que esboça o novo sentido que é dado, na ação coletiva, aos componentes: conteúdo, sujeito e cultura. Em termos de conteúdo, nota-se que as mobilizações e protestos pautam novos conteúdos, propagam novos repertórios, novas simbologias, realizam outras conexões com a cultura e estimulam novas performances no que tange à atuação dos movimentos. O sujeito<sup>4</sup> não mais se estabelece de modo amorfo ou antivibrante. O que se vê é a tessitura de um sujeito que localiza sua biografia no todo social, que pode e deve lhe servir como acervo a ser consultado para que venha a assumir uma orientação de conduta, mas como esta consulta vai se dar e o que vai ser apanhado em tal “acervo social” como recurso para compor-se como sujeito não estão pré-determinados. Trata-se de um sujeito mais criativo (Touraine, 1995), com mais abertura para a experiência (Milani & Ruthy, 2006). Em relação à

---

<sup>4</sup> Em se tratando da concepção do sujeito na contemporaneidade também é oportuno consultar o que os autores de síntese: Norbert Elias (1999), Pierre Bourdieu (1998) e Anthony Giddens (1989) comunicam.

associação dos movimentos sociais com a cultura, nota-se que a ação conflitual vem envolvendo-a cada vez mais como um dos seus lastros. Alain Touraine (1999) traça seu discurso sobre os movimentos sociais, afirmando: “a existência de atores capazes de derrubar uma dominação social para fazer triunfar, contra o seu adversário, as orientações culturais para as quais estes, como também aqueles apelam” (*Ibid*, p. 124). Touraine chama atenção para os valores culturais e dá margem à percepção de que o movimento social vive do diálogo conflitual.

O viés da conflitualidade também é reforçado por Melucci (1989). Ele faz a defesa da abertura de espaços públicos para a construção de decisões, ainda que esta proposta possa gerar dilemas provocados, por exemplo, pela dificuldade em se decidir frente a tantos sentidos em disputa. De qualquer sorte, em sua concepção, os espaços públicos são pontos de conexão entre instituições políticas e demandas coletivas, entre as funções de governo e a representação de conflitos. “Um conflito supõe (...) a luta de dois atores pela apropriação de recursos valorizados por ambos” (*Idem*, 2001, p. 33). Para Melucci, configura-se um enfrentamento entre atores, sendo que para haver um conflito, é necessário definir os atores a partir de um sistema comum de referência e existir uma aposta em jogo que movimente implícita ou explicitamente.

### **Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), sua expressão e sua visibilidade**

Esmiuçando mais profundamente o que “o olhar” tem a dizer a este artigo, sabendo que se trata de uma discussão em que o olhar tem relevância, é louvável perscrutar como socialmente o “ver” passou a significar e ter destaque na macha civilizatória. Sobre isto, o que Norbert Elias (2000) expõe, ao falar da relação com a natureza que sofre mudança nos fins da Idade Média – o que se dá de forma cada vez mais intensa a partir do século XVI, pela ascendente pacificação das áreas habitadas –, é a “crescente importância que o olho adquire como mediador do prazer, ante a gradativa moderação das emoções” (*Ibid*, p. 246). E levando este entendimento para a dimensão humana como matéria para ser vista, ele escreve:

Da mesma maneira que a natureza passara a ser, mais do que antes, uma fonte de prazer mediada pelo olho, as pessoas tornaram-se fonte de prazer visual, ou de um desagrado visualmente despertado. O medo direto inspirado no homem pelo homem diminuiu, e o medo interno mediado pelo olho e pelo superego crescia na mesma medida (*Ibid*, p. 247).

Nota-se nas palavras de Elias, cujo aporte teórico aponta para a economia de pulsões, como o olho se localiza no tempo histórico, percepção esta que tem muito a comunicar a este texto, na medida em que comporta noções referentes à expressividade e à visibilidade. Para dar continuidade à exposição aqui pretendida, é necessário então adotar a idéia de expressividade como aquilo que um grupo contestatório comunica por meio das mais diferentes linguagens, ou seja, jornalismo, publicidade, artes cênicas, poesia, cinema, fotografia, grafite etc, e a visibilidade como a projeção do grupo na arena social, o seu alcance enquanto imagem e discurso, a sua repercussão como ideário, causa social e sentido.

Com essas duas noções delineadas e estando reconhecido o novo modo de fazer política, o que muito resumidamente pode ser traduzido na emancipação dos novos atores e num repertório de lutas com novos conteúdos (Beck, 1997; Giddens, 2001; Held, 1997), e escolhendo-se localizar a mídia neste panorama a partir da constatação de sua capacidade de legitimação no âmbito político, o que em outras palavras diz respeito ao fato de que para ter o status de existência na sociedade contemporânea, considerando a nova sociabilidade altamente interferida pelos meios de comunicação, é preciso ser visto, e visto na mídia (Gomes, 1996), torna-se provocativo verificar que o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), com seus membros escondendo o rosto numa máscara de lã ou bandanas, saiu do que sobrou das florestas tropicais do sudeste do México, em 10 de janeiro de 1994, e foi visto por um número considerável de pessoas. Alcançou uma visibilidade que merece ser analisada em profundidade, até porque Chiapas, uma das cidades tomadas pelos neozapatistas, não é “próxima das câmeras” (Kingsnorth, 2006, p.20).

E por que um movimento social precisa ser visto e ouvido? Para ganhar adesão, chamar as solidariedades para si e ser um dos sentidos presentes na vida contemporânea tão

abundantemente povoada por múltiplas possibilidades. Já foi dito: É urgente ecoar o grito (Holloway, 2003). E o próprio subcomandante Marcos dispara: “Sempre tivemos uma voz, mas ela não mais será um murmúrio de quem baixa a cabeça. Ela agora será o grito de quem ergue o olhar e que os forçará a nos ver e a nos aceitar do jeito que somos” (Marcos, 2001). É notório que o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) tem uma demanda por ser visto e escutado, compor-se como um vetor de solicitações que estão relacionadas à construção de respeito às suas feições desejosas por liberdade; feições que foram vistas e notadas exatamente quando se escondeu a pele, ocultaram-se os traços dados pelo fenótipo, guardou-se a fisionomia num pano “opaco”, que acrescido de voz e gestos de expressão singulares, arremessa-se como interrogação perturbadora no imaginário social<sup>5</sup> e acaba por construir as feições transparecidas no que o subcomandante Marcos – “falando de si” – resume como sendo:

(...) um gay em San Francisco, um negro na África do Sul, um asiático na Europa... um palestino em Israel, um judeu na Alemanha ... um artista sem uma galeria ou sem um portfólio... uma sexista no movimento feminino, uma mulher solitária na estação do metrô às dez horas da noite... um escritor sem livros ou leitores, e um zapatista no sudeste mexicano.

Trata-se de um movimento que quer exhibir as incontáveis caras da perdição e da exclusão, “é toda minoria que agora está começando a falar e toda maioria que deve calar e ouvir. Ele é todo o grupo não tolerado procurando por um modo de se expressar, sua maneira de falar” (*Ibid*, p. 41). Com intenção tão evidente no sentido de comunicar-se com o mundo, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) passou a considerar a sociedade civil e a mídia interlocutores políticos privilegiados (Rubim, 1996), e para isto se articulou de maneira singular com as tecnologias da comunicação, usando em suas ações, modernas tecnologias como telefones via satélite e internet, para obter apoio interno e no estrangeiro. Gomes (1996) chama atenção para o fato da eficácia da política do nosso tempo depender fundamentalmente de que sejam consideradas as novas estratégias de enunciação e apresentação mais adequadas à lógica dos meios de comunicação. Ele chega a dizer que os mass media podem abrir mão da política, mas a política não pode deixar de

---

<sup>5</sup> Quando se fala em imaginário social está se transitando no mesmo terreno da memória social e José Domingues lembra: “Emoções devem ser levadas em conta quando a memória social é discutida” (1999, p. 42).

levar em conta os mass media.

Olhando para as atitudes dos neozapatistas, buscando percebê-las em termos de atos de comunicação, parece que a referida acepção sobre os mass media vem sendo por eles incorporada. Afinal, verifica-se que usam a mídia como estratégia organizacional e confirmam o que relata Albino Rubim (1996): que em inúmeras insurreições, as emissoras de televisão e rádio transformaram-se em alvos imediatos a serem conquistados. Oportuno dizer que Melucci (2001), ao fazer uma retrospectiva analítica dos movimentos sociais, informa que há uma lacuna inexplorada que está relacionada ao modo como os atores fazem a ação, visto que da tradição herdou-se um dualismo. No desenrolar de suas assertivas, no entanto, ele prolonga a discussão reconhecendo que há, hoje, um sistema multipolar da ação, o qual se organiza em torno de três eixos: *fins*, que referem-se ao sentido que a ação tem para o autor; *meios*, que dizem respeito às possibilidades e aos limites da ação, e *ambiente*, relativo ao campo no qual a ação se desenvolve. Relacionando essa leitura de Melucci com o fato de a mídia ter na vida social contemporânea uma força na construção da visibilidade, cabe perguntar se a mídia seria então mais um elemento a complexificar o eixo ambiente no sistema multipolar.

Considerado atualmente como um dos mais importantes movimentos sociais na luta contra o neoliberalismo, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) começou quando o Artigo 27 da constituição mexicana e que autorizava o governo expropriar terras para abastecer cada comunidade rural com um *ejido* – unidade de terra comunitária que deveria ser passado somente no âmbito da família para assegurar auto-suficiência rural – foi revogado em 1992 pelo presidente Carlos Salinas, que, querendo modernizar o México, investiu no agronegócio e comprometeu profundamente a reforma agrária que já vinha sendo praticada desde 1919. O direcionamento era substituir a paisagem rural do México “pelo tipo de paisagem rural que estava se tornando modelo em todos os lugares do mundo – fazendas com um sistema intensivo de agronegócios voltados para a exportação” (Kingsnorth, 2006, p. 25).

A dissolução do Artigo 27 edificou, no entanto, o mais grave golpe ao povo neozapatista, ou seja, o Nafta, que é o Acordo de Livre Comércio da América do Norte, cujos impactos para os trabalhadores e trabalhadoras, agricultores e agricultoras do México foram muito danosos, pois milhões de empregos foram perdidos com o colapso dos setores

econômicos e retirada do poder governamental, e empresas norte-americanas e canadenses se instalaram no México para aproveitar a mão-de-obra barata. Sem falar que o Nafta dava direito para as organizações privadas processassem os governos se notassem que estavam interferindo em seus “direitos de investidor”. Mas, foi sobretudo a agricultura o setor que mais sofreu os efeitos devastadores do Nafta.

### **Outras perguntas pelo caminho**

Indo por onde caminha este artigo, ou seja, pelo atalho da problematização da expressão e da visibilidade dos movimentos sociais transnacionais, muitas perguntas podem ser formuladas e novas questões abordadas. Afinal, detendo o informe de que os movimentos sociais contemporâneos, a exemplo do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), começam a perceber a importância da mídia no jogo político, mas, ao mesmo tempo, ciente de que a apropriação dos recursos midiáticos ainda não é uma realidade que toca a todos os movimentos, algumas indagações podem ser construídas, a saber: como se apropriar dos veículos de comunicação? Como se relacionar com a mídia massiva? Deve-se criar novos canais de veiculação? Como articular a relação entre mídia e representações sociais<sup>6</sup>? O que pode ser absorvido da relação entre mídia, construção de um ator social e sua visibilidade? Como pensar a democratização da comunicação?

Interrogações como estas instalam a necessidade de pensar a comunicação e as relações sociais numa permanente proximidade, como há um bom tempo já sugere o autor Juan Bordenave (1982) ao pôr como sinônimos os termos comunicação e sociedade. Sendo

---

<sup>6</sup> A categoria representações sociais não pode ficar de fora de uma discussão que pauta a relação sociabilidade x mídia x visibilidade. É sabido que os autores clássicos Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber se posicionaram a respeito dessa categoria, mas do mesmo modo que é possível encontrar uma conexão entre suas abordagens, por outro lado, são identificadas distâncias em certas considerações. Antes, de percorrê-las, no entanto, é recomendável usar o conceito de Maria Cecília Minayo a respeito das representações sociais. Ela diz: “é um termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento. Nas Ciências Sociais são definidas como categorias de pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a” (2002, p. 89). Sendo assim, é um extrato de percepção que carrega um conjunto vasto de significados, de modo que pensá-las é por demais desafiador, tanto que alguns estudiosos, a exemplo de Serge Moscovici (2002), insistem em configurar delimitadamente seu campo de estudo, o qual carrega um forte traço da psicologia social. Também é possível dizer que as representações sociais “são saberes sociais construídos em relação a um objeto social, que elas também ajudam a formar” (Jovchelovitch, 2000, p. 32).

assim, havendo uma espécie nova de sociabilidade e que se faz de formas "aleatórias, fluidas e movediças, abertas em permanência e constantes variações" (Rodrigues, 1994, p. 218), é muito válido trazer para a construção deste artigo um trecho de "Um mundo e muitas vozes. Comunicação e informação na nossa época", Relatório da Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação, produzido por um grupo de quinze pesquisadores convidados pela Unesco, os quais – entrelaçando comunicação e sociedade – elucidam a necessidade de se construir uma Nova Ordem da Informação.

A comunicação é a base essencial de toda sociabilidade. Onde quer que os homens tenham tido que estabelecer relações duradouras, a natureza das redes de comunicação que se instituíram entre eles, assim como as formas que tomaram e a eficácia que atingiram determinaram em grande medida as oportunidades de aproximação ou de integração comunitária, assim como as possibilidades de reduzir tensões ou resolver conflitos que surgiam (1983, p. xi).

Sabendo então que a comunicação é a base essencial da sociabilidade, e hoje a sociabilidade está incrementada pela força do campo midiático, é necessário problematizar a teia de relações existente entre sociabilidade, representações sociais, movimentos sociais, mídia e política, pois se pensarmos as representações sociais como o saber social e levarmos em conta que a mídia é um forte enunciador dentro desta tessitura do saber, como fica, por exemplo, a participação de um determinado movimento social no processo de construção da representação social em torno de si mesmo se não dispõe de um espaço de exposição na mídia ou quando dispõe não é o que melhor lhe traduz?

Afinal, ainda que os neozapatistas tenham conseguido usar beneficentemente a mídia a seu favor, acontece também das relações mantidas entre a mídia e os mais diferentes segmentos sociais ocorrerem de um modo distinto conforme o segmento social em questão, pois se trata de relações estruturalmente atravessadas pelo "poder", tanto que John D. H. Downing (2002) sugere a idéia de Mídia Radical, que é a mídia – em geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes – que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas e que verifica os movimentos sociais e a cultura popular como atores sociais que demandam meios *alternativos* de comunicação, uma vez que não são pautados com frequência pela grande mídia, e quando são, ocorre, na maioria

das vezes, de receberem uma cobertura questionável. Portanto, em se tratando de mídia, há muito o que ser pensado. E, para atravessar a questão que por ora foi traçada neste artigo, é exigido que assumamos a força da pergunta como gênese da análise, até porque não podemos deixar de ressaltar que este texto expôs minimamente o perfil do primeiro guerrilheiro pós-moderno do mundo e ele oferece mais perguntas que respostas (Kingsnorth, 2006).

Se perguntas devem ser feitas quando se tem em foco os neozapatistas, e, tecendo um elo entre a revisão das categorias discutidas neste texto e a força da mídia, podemos indagar como um movimento social pode se fazer visível, pode ser parte do processo no momento em que parece só existir o que a mídia comunica. Pensando nesse sentido, há de se notar que do ponto de vista analítico, os conteúdos veiculados pela mídia podem ser apreendidos como discurso, e por isso é válido recorrermos ao aporte de Michel Foucault, quando ele diz: “Enfim, creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos – estou sempre falando de nossa sociedade – uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (1971, p. 18). Portanto, pensemos a mídia como campo de enunciação.

### Referências bibliográficas

BADIE, Bertrand. **Um mundo sem soberania, os Estados entre o artifício e a responsabilidade**. Lisboa: Instituto Piaget [Coleção Economia e Política], 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Mal-Estar na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1998.

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: GIDDENS, BECK, LASH: **Modernização reflexiva**. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

COLLING, Leandro. O conceito de espetáculo e o telejornalismo. A seca e os saques do Nordeste no Jornal Nacional e as eleições de 98. In RUBIM, Antonio Albino Canelas (Org.) **Mídia e Eleições de 1998**. Salvador: Editora Universitária Facom/UFBA, 2000.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

DELLA PORTA, Donatella and TARROW, Sidney (eds.) Transnational Processes and Social Activism: An Introduction. In D. Della Porta and S. Tarow, **Transnational Protest and Global Activism**. New York/Toronto/Oxford: Rowman and Littlefield Publishers, 2005

DOMINGUES, José Maurício. **Criatividade social, subjetividade coletiva e a modernidade brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. Contra Capa, 1999.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Abril, 1978.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições-70, 1999.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador** (Vol. II). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. **Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRASER, Nancy. Rethinking Recognition. In **New Left Review**, 3, May-June, 2000.

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GIDDENS, Anthony. **Em defesa da sociologia**. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

GOMES, Wilson. *Theatrum Politicum 1*. A encenação política dos mass media. In: **A encenação dos sentidos, mídia, cultura e política**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HOLLOWAY, John. **Mudar o mundo sem tomar o poder**. São Paulo: Viramundo, 2003.

HELD, David. **La democracia y el orden global – Del Estado moderno al gobierno cosmopolita**. Barcelona: Paidós, 1997.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JR, José Arbex. Uma outra comunicação é possível (e necessária). In: MORAES, Denis de. (Org) **Por uma outra comunicação**. Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LEÓN, Osvaldo. Para uma agenda social em comunicação. In: MORAES, Denis de. (Org) **Por uma outra comunicação**. Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2005

MARX, Karl & ENGELS, F. **Ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1984.

MILANI, Carlos R. S. e LANIADO, Ruthy Nadia. Espaço Mundial e Ordem Política Contemporânea: uma agenda de pesquisa para um novo sentido da internacionalização. In: **Caderno CRH** (UFBS, Salvador), número 48, volume 19, setembro/dezembro de 2006.

MILANI, Carlos R. S. Globalização e Contestação Política na Ordem Social Contemporânea. In: **Caderno CRH** (UFBS, Salvador), número 48, volume 19, setembro/dezembro de 2006.

MELUCCI, Alberto. **Nomands of the present**. Londres: Hutchinson Radius, 1989.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

MOGHADAM, Valentine M. Transnational Feminist Newworks – Collective action in na Era of Globalizacion. **International Sociology**, 2000

PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu e a Teoria do Mundo Social**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e Cultura: A Experiência Cultural na Era da Informação**. Presença Editorial, Lisboa, 1994.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **A comunicação e a política dos neozapatistas**. In Cadernos do Ceas, nº 166, Salvador. Novembro / Dezembro, 1996.

TOURAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis; Editora Vozes, 1995.

TOURAINE, Alain. **Poderemos viver juntos? Iguais e Diferentes**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: RJ: Vozes, 1995.

WEBER, Maria Helena. Imagem Pública. In RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.) **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. Salvador: Edufba, 2004

WEBER, Max. **A objetividade do conhecimento nas ciências e na política social**. Lisboa: Lisboa Ltda, 1974.

#### **Fontes da Internet**

MOTTA, Luiz Gonzaga. Contradição social e mídiapolítica. Disponível em:

<http://www.unb.br/ceam/nemp/colunas.htm>

Site oficial do Exército Zapatista de Libertação Nacional: <http://www.ezln.org.mx>